

IMPLICAÇÕES EM JUNTAR E SEPARAR PALAVRAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Patrícia Parreira da Silva*

Resumo: Este artigo apresenta uma abordagem dos desvios na escrita relacionados à segmentação indevida de palavras e suas motivações, encontrados em textos de alunos/alunas do 7º ano do Ensino Fundamental II, pertencentes a três unidades educacionais do Estado de Goiás. Pode-se constatar a influência da fala na escrita devido ao fato que, muitos alunos/alunas tomam como referência o estrato fônico univocamente para escrever certas palavras nos textos. Essa influência implica aspectos prosódicos, morfossintáticos e em alguns casos, inclui-se o semântico e a estruturação gráfica das palavras. Embasa-se na Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), nas ideias de Bisol (1996,2000,2005), Cunha (2004) e Tenani (2004, 2008, 2011,2014) para a discussão e a caracterização dos dados encontrados nos textos. Neste contexto, os resultados indicam que a maioria dos casos de hiposegmentação e hipersegmentação envolvem o constituinte prosódico, grupo clítico, no qual se incluem os pares homófonos, analisados separadamente. Mediante às informações encontradas, propõe-se sugestões de atividades didáticas que levem os alunos/as alunas a refletir sobre as especificidades da fala e da escrita e perceber as segmentações convencionais da escrita.

Palavras-Chave: Hiposegmentação; Hipersegmentação; Escrita; Grupo clítico.

Abstract: This paper presents an approach to deviations (i.e. spelling errors) in writing related to the undue segmentation of words and their motivations, found in texts written by students of the 7th grade of Elementary School II, belonging to three educational units in the State of Goiás. It is evident that the influence of the speech in the writing due the fact that many students takes as reference the phonic stratum, univocally, to write certain words in the texts. This influence implies prosodic, morphosyntactic aspects and, in some cases, includes the semantic and graphic structure of words. Based on the Prosodic Phonology of Nespor and Vogel (1986), on the ideas of Bisol (1996, 2000, and 2005), Cunha (2004) and Tenani (2004, 2008, 2011, and 2014) for the discussion and characterisation of the data found in the texts. In this context, the results indicate that the majority of the cases of hiposegmentation and hypersegmentation in which involve the prosodic constituent, clitic group. Based on the information found, it is proposed suggestions of didactical activities that could lead students to reflect on the specificities of speech and writing and to perceive the conventional segmentations of writing.

Keywords: Hiposegmentation; Hypersegmentation; Writing; Clitic group.

1 Introdução

De acordo com Soares (2016), os altos índices de precário ou nulo domínio da escrita, no século XXI, não estão restritos às séries iniciais de estudo formalizado, mas, perpassam para ao longo da educação básica e até mesmo no ensino médio. Fato este evidenciado por avaliações externas à escola. Noutro pórtico, pesquisas são feitas com objetivo de investigar os desvios na escrita presente em produções textuais de alunos tanto do Ensino Fundamental I e II. Vale ressaltar que no tocante ao Ensino Fundamental II, os estudos ainda são escassos. Dentre a caracterização semiológica dos desvios¹ na escrita presente na literatura, este artigo

* Mestranda do PROFLETRAS- UFU/MG

patriciaparreira@ufu.br

¹ O termo “desvio” será empregado neste artigo para se referir a qualquer variação na escrita feita pelos alunos-partícipes da pesquisa, na tentativa de apropriar-se da escrita ortográfica.

trata de caracterizar a hipossegmentação e a hipersegmentação.

No que se refere a esses desvios caracterizados por junção ou separação não convencional das palavras, Zorzi (1998) destaca que, as crianças tomando como referência à fala, acabam ligando palavras “derrepente” (por ‘de repente’) ou fragmentando-as “em bora” (por ‘embora’) indevidamente. Nesse prisma, o conceito de palavra e a complexidade que envolve a sua categorização, define a segmentação correta do fluxo da linguagem em conformidade com Zorzi (2003, p.95).

Estudo feito por Paranhos (2014), mostra a junção e separação de formas homônimas² “a gente” e “agente” como nos exemplos: “A gente falou com a Regina” / “Regina falou com o agente”. No primeiro caso, “a gente” é uma locução pronominal que indica morfossintaticamente a “primeira pessoa plural”, assumindo função de sujeito na substituição da forma convencional “nós”; no segundo caso, “agente” significa “aquilo ou aquele que age, que produz algum efeito”. Nesse sentido, a junção ou separação de palavras tem implicações morfofonológica, sintática e semântica. Observe a imagem a seguir:



Disponível em: < <http://br.web.img2.acsta.net/pictures/17/08/23/18/39/249946.jpg>>.

Acesso em: 11 jul. 2018.

Na imagem, capa de um filme de Aly Muritiba, pode-se perceber no título de duplo sentido, naturalmente a partir do estrato fônico, se não fosse outros recursos utilizados para sua construção. O diretor não somente denota de quem ele está falando, mas também sobre o que ele está falando. Para isso se utiliza de recursos semióticos e de um par de homófonos para que o leitor possa alcançar o sentido desejado.

No que se refere às possibilidades de sentidos com associação à cadeia fônica, apesar da capa do filme não se tratar de um texto jocoso, há presença de duplo sentido. Nessa perspectiva, Tenani (2004), usa da argumentação de que é dessas possibilidades de sentidos que diversos “textos chistosos” se valem para produção de um tom humorístico e, para que estes possam ser compreendidos, é preciso notar possíveis

similaridades na cadeia fônica que estão ‘estrategicamente’ articuladas com as dessemelhanças que se tornam visíveis por meio da consideração das possibilidades de localização das fronteiras de constituintes prosódicos e dos elementos proeminentes do enunciado (TENANI, 2004, p. 237).

Face ao exposto, pode-se depreender que na capa do filme, não se trata de casos de junção e separação de palavras nas materialidades linguísticas expressas, percebe-se a ocorrência de um par de palavras homófonas utilizadas, que podem gerar na grafia dúvidas para ocorrência de junção ou separação indevida ortograficamente.

² Neste contexto não será empregado o termo homônimas e sim, homófonos para tratar de palavras que tenham a grafia ou estrutura gráfica diferentes, significados distintos e sons iguais.

Do prisma prosódico, não se encontra nessa cadeia fônica nenhum aspecto distintivo que poderia conduzir à diferença entre “agente” e “a gente”, no entanto, em termos de sua constituição, “agente” é uma palavra fonológica e “a gente” é um grupo clítico. Neste texto, debruça-se nas noções de palavra fonológica, grupo clítico e nas relações morfossintáticas e morfossemânticas.

Com base em Cunha (2004) no Ensino Fundamental I e Tenani (2004, 2008, 2011,2014), Paranhos (2014) e Fiel (2018) no Ensino Fundamental II, realiza-se um estudo de hipossegmentações e hipersegmentações. Nessa perspectiva, procura-se constatar esses tipos específicos de desvios na escrita nos textos de alunos/as do 7º ano de duas escolas públicas e uma conveniada e tratar de suas motivações na escrita.

Em termos de análise dos dados, adota-se uma perspectiva sobre uma escrita resultante de heterogeneidade, constituída da relação entre a fala e a escrita na enunciação (CORRÊA, 2004). Nessa vertente, há uma teia de características orais e escritas.

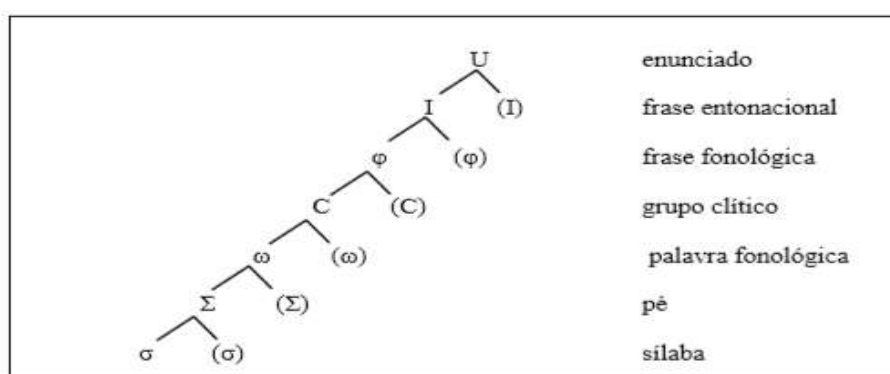
Desse modo, o presente artigo encontra-se organizado em cinco partes: Introdução; Fundamentação teórica; Discussão de dados/ Proposta de material didático; e Considerações finais. Na Introdução realizou-se uma breve exposição da finalidade e dos objetivos do trabalho a fim de esclarecer o leitor acerca do tema em discussão. A fundamentação teórica está dividida em dois tópicos: Constituintes prosódicos, Hipossegmentação e Hipersegmentação, onde serão apresentados conceitos relevantes para a compreensão do tema embasados teoricamente. Já na Discussão de dados será realizada a contextualização da pesquisa, caracterização de dados que envolvem o *corpus*, análise de textos de alunos/alunas, exposição de hipóteses e argumentação. Além disso, uma sugestão de intervenção para o Ensino Fundamental II, com o objetivo de minimizar os problemas na escrita será apresentada como proposta de material didático. Por fim, as Considerações finais evidenciam a linha de pensamento desenvolvida ao longo do trabalho, abrindo espaço para reflexões.

2. Fundamentação teórica

2.1 Constituintes prosódicos

Para que se possa compreender um enunciado, é necessário perceber suas partes constitutivas, denominadas constituintes prosódicos.

No que concerne ao tema, Bisol (2005), a partir do arcabouço teórico propostos por Nespor e Vogel (1986), faz uma retomada dos constituintes prosódicos e elabora uma representação infográfica no que concerne à hierarquia prosódica:



Fonte: Bisol (2005)

Essa representação mostra que a sílaba é a menor categoria prosódica, e o

enunciado é o constituinte prosódico maior. Ainda segundo Bisol (2005, p.255), “Constituinte prosódico é uma unidade linguística complexa, cujos membros desenvolvem entre si uma relação binária de dominante/dominado, precisamente uma relação de forte/fraco ou vice-versa.”

Para este trabalho interessa especialmente a palavra fonológica e o grupo clítico. A palavra fonológica em português é caracterizada por carregar um acento lexical ou acento primário em conformidade com Bisol (1996). Ilustra-se com a palavra “costas”, que porta um acento lexical e se constitui em uma palavra fonológica. Nesse constituinte prosódico se dá a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos, não ocorrendo precisamente isomorfismo entre as denominadas palavras fonológicas e morfológicas. Exemplifica-se com “guarda-costas”, que se constitui em uma palavra morfológica, no entanto em duas palavras prosódica/fonológica, [guarda]ω [costas]ω, por conter dois acentos: um na primeira sílaba de “guarda” e outro na primeira sílaba de “costas”. A palavra fonológica, para Rosa (2006, p. 77), é uma “unidade formada por fonemas, sílabas e traços suprasegmentais”. Essa unidade pode ser maior ou menor do que a palavra pensada em termos morfológicos. A caracterização principal da palavra fonológica é que ela deve ter apenas um acento primário ou lexical.

No que se refere ao grupo clítico (C), constitui uma unidade prosódica que domina imediatamente a palavra fonológica e é formado por uma única palavra de conteúdo acompanhada de clíticos (palavras funcionais átonas, tais como artigos, preposições, conjunções). Em um enunciado como “O livro do José está na estante”, os grupos clíticos são: [O livro] C [do José] C [está]C [na estante] C, Bisol (2000).

Embora haja discordância no que se refere ao grupo clítico na hierarquia prosódica, a afirmação que “Clíticos se anexam diretamente a uma palavra fonológica bem formada, sem integrá-la.” Bisol (2000, p.16). Dessa forma, depreende-se que é apenas uma questão de nomenclatura grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical e não é objetivo desse artigo abordar às convergências do grupo clítico na hierarquia prosódica.

2.2 Hipossegmentação e Hipersegmentação

Grosso modo, a hipossegmentação é quando existe na escrita a junção de palavras entre si, e a hipersegmentação no que lhe concerne, equivale na separação, ou seja, um espaçamento numa mesma palavra por dois vocábulos. Desse modo, ao reflexionar a respeito da linguagem evidencia-se a importância da fonologia e fonética no processo da leitura e da escrita, como forma de explicar e interpretar esses desvios na escrita.

Estudo realizado por Cunha (2004) no que se refere à ocorrência de hipossegmentação e hipersegmentação em dados de escrita. Para tanto, analisou 74 textos, produzidos por 10 participantes, com faixa etária entre 6 a 11 anos, alunos/alunas de 1ª a 4ª série de duas escolas do município de Pelotas-RS, uma pública e uma privada. Em uma coleta semilongitudinal de dados nos textos realizados em oficinas de produção texto.

Dentre os casos de hipossegmentação e hipersegmentação analisados por Cunha (2004, p.66), a autora mostra resultados das dificuldades de alunos/alunas nos casos de hipossegmentação e hipersegmentação em uma análise mais abrangente dos constituintes prosódicos que os assumidos neste artigo, cabe salientar que a pesquisa de Cunha (2004) abarca aspectos linguístico e epilinguístico não abordados neste artigo. A seguir, estão alguns exemplos de hipossegmentação e hipersegmentação da referida autora.

Tabela 1: Alguns exemplos de casos de hipossegmentação em Cunha (2004)

Categoria	Exemplos
palavra gramatical + palavra fonológica	“ocoelho” por (o ‘coelho’), “umdia (por ‘um dia’), “derepente” (por ‘de repente’),
palavra fonológica + palavra gramatical	“chamavase” (por ‘chamava-se’), “matalo” (por ‘mata-lo’)
palavra gramatical + palavra gramatical	“oque” (por “o que”), “eo” (por ‘e o’)
palavra fonológica + palavra fonológica.	“belodia” (por ‘belo dia’)

Tabela 2: Alguns exemplos de casos de hipersegmentação conforme Cunha (2004)

Categoria	Exemplos
palavra gramatical + palavra fonológica	“em bora” (‘por embora’), “da nada” (por ‘danada’), “com migo” (por ‘comigo’), “e lástico” (por ‘elástico’)
palavra fonológica + palavra gramatical	“gritan do” (por ‘gritando’), “correm do” (por ‘correndo’), “tu do” (por ‘tudo’)
palavra gramatical + palavra gramatical	“por que” (por ‘porque’)
palavra fonológica + palavra fonológica.	“verda deiro” (por ‘verdadeiro’), “ter mina” (por ‘termina’), “chapeu sinhô” (por ‘chapeuzinho’)

3. Discussão de dados

3.1 Considerações metodológicas.

A amostra é composta por 84 textos de alunos/alunas matriculados e cursando o 7º ano do Ensino Fundamental II, na rede de ensino do Estado de Goiás. Ressalta-se que todos os alunos ou alunas produziram um texto.

Pertinente aos textos, foi escolhida como proposta o relato de experiência sob orientação Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004, p.102), a capacidade de linguagem dominante como relatar abarca a interação verbal experienciada em um determinado contexto histórico. Faz parte desse tipo de textos o relato de experiências vividas. Nessa perspectiva adota-se a concepção de texto de Geraldi (1993) “um texto é uma sequência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado”. Excetuando apenas o quesito “definitivo” devido ao de fato de não ocorrência de reescrita. Adota-se essa concepção de texto escrito materializado no gênero textual “Relato de experiências”, que motivam os alunos/as alunas a escreverem sobre fatos de suas vidas em textos narrativos e descritivos.

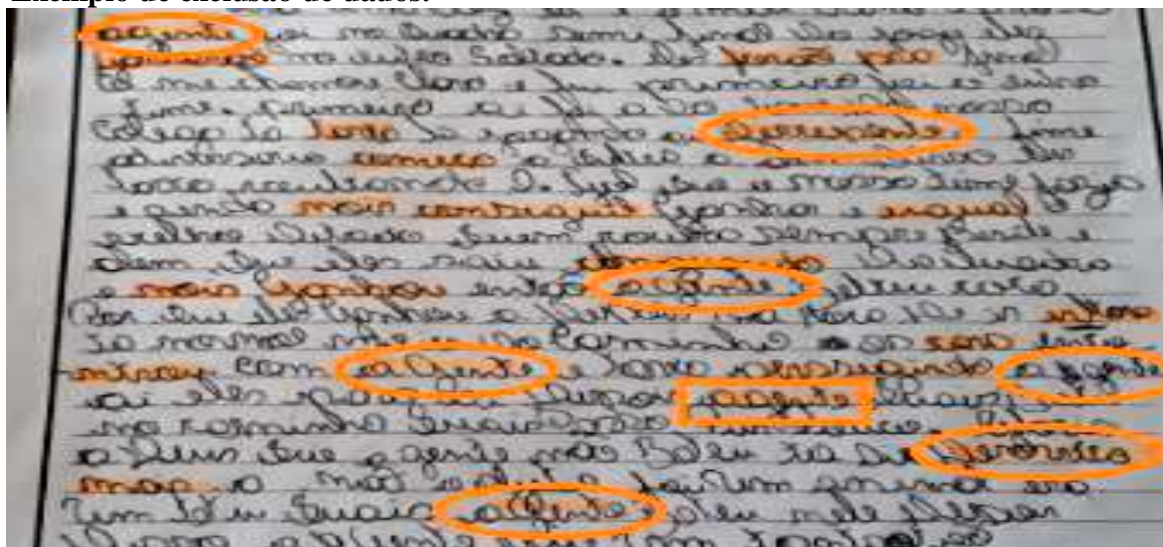
No que diz respeito à identificação de registros escritos que apresentavam elipse de espaço entre palavras, conforme metodologia descrita em Tenani (2011), adotou-se dois critérios: (i) comparação de elipse entre vocábulos no decorrer do texto; (ii) comparação entre as escritas de letras recorrentes no interior de palavras que se assemelham no texto em análise.

Exemplo de inclusão de dados.



Fonte: A6 do corpus, (2018)

Exemplo de exclusão de dados.



Fonte: A8 do corpus (2018)

Nessa amostra, o autor/a autora do texto utiliza o termo “agente” corretamente e a locução pronominal “a gente” na forma correta ortograficamente, com oscilação do uso dessa forma, considerada apenas uma vez, a quadriculada, a última forma empregada no texto não foi conjecturada, pelo que se observa a letra “g”, aparentemente maiúscula, indica uma característica da escrita do autor/a autora do texto. Acredita-se que, pela predominância da forma “a gente” empregada cinco vezes, houve falha atencional na escrita não convencional uma vez. O autor/a autora do texto mostra, significativamente, que não se utiliza somente o estrato fônico, neste caso, como referência para escrever. Destarte, foram descartas as ocorrências no que tange à hipossegmentação da locução pronominal “a gente”. Porém, foram considerados outros dados que não se tratam de homófonos.

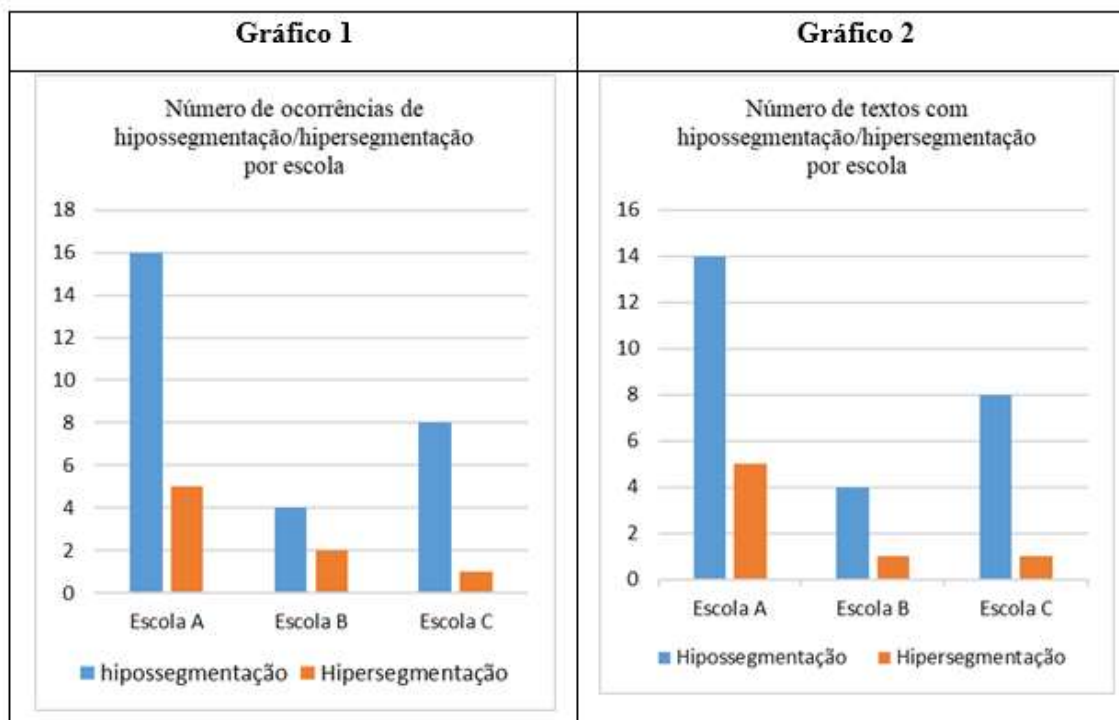
Realizado apenas a exclusão de dados da fonte A8 e da A1, segue a descrição dos dados gerais encontrados, excetuando as hipossegmentações e hipersegmentações que envolvem homófonos, esses serão tratados separadamente para prevenir enviesamento de dados e por se tratar de um caso particular.

3.2 Descrição de dados

Tabela 3– Ocorrências gerais

Ano	Hipossegmentação	Hipersegmentação
7º	oque (3x), atarde (2x), denovo (2x), dinovo, derrepente (3x), anoite, quedize, parala, mearuma, miacha, praser, porisso, decastigo, dicastigo, entodo, endeus, eo, ea, praser, dosmeus,	com migo (2x), em bora (3x), chegava-mos, na quele (2x), em baixo (2x),

Observa-se no total geral nos gráficos apresentados a seguir, 36 ocorrências entre hipossegmentação e hipersegmentação, dos 84 alunos/alunas, 33 apresentam certa dificuldade em segmentar palavras. Os alunos/ as alunas da escola A demonstram mais dificuldades no que se refere à segmentação de palavras.



3.2.2 Dados específicos das escolas

Tabela 4 – Informações referentes à Escola A – Total de textos 29.

HIPOSSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
oque	03	03	M (1) F (2)
anoite	01	01	F
atarde	02	01	F
denovo	02	01	M (2)
dinovo	01	01	M
derrepente	03	03	M
parala	01	01	F
quedize	01	01	F
miacha	01	01	M
mearuma	01	01	M
TOTAL	16	14	

Tabela 5 – Informações referentes à Escola A – Total de textos 29.

HIPERSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
com migo	02	02	F (2)
em bora	01	01	M
na quele	01	01	M
chegava-mos	01	01	F
TOTAL	05	05	

Tabela 6 – Informações referentes à Escola B – Total de textos 29.

HIPOSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
porisso	01	01	M
entudo	01	01	M
endeus	01	01	F
praser	01	01	F
TOTAL	04	04	

Tabela 7 – Informações referentes à Escola B – Total de textos 29.

HIPERSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
Em bora	02	01	F
TOTAL	02	01	

Tabela 8 – Informações referentes à Escola C – Total de textos 26.

HIPOSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
eo	01	01	M
ea	01	01	M
decastigo	01	01	F
digastigo	01	01	M
entodo	01	01	F
derepente	01	01	M
dosmeus	01	01	M
oque	01	01	M
TOTAL	08	08	

Tabela 9 – Informações referentes à Escola C – Total de textos 26.

HIPERSEGMENTAÇÃO	Nº de ocorrência	Nº de alunos	Sexo
na quele	01	01	F
TOTAL	01	01	

3.3 Breve comparativo com os dados de Cunha (2004)

A partir das categorias estabelecidas por Cunha (2004), para a análise dos casos de hipossegmentação e hipersegmentação. Percebe-se certa semelhança com os dados encontrados pela autora no que se refere à hipossegmentação, há predominância da estrutura palavra gramatical + palavra fonológica: “atarde” (por ‘a tarde’), “derrepente” (por ‘de repente’), “denovo”/“dinovo” (por ‘de novo’), “endeus” (por ‘em Deus’), “entodo” (por ‘em todo’), “decastigo”/“dicastigo” (por ‘de castigo’) e “praser” (por ‘para ser’), “porisso” (por ‘por isso’), “dosmeus” (por ‘dos meus’), quedize (por ‘que disse’). Da categoria palavra gramatical + palavra gramatical, alguns casos foram identificados, “eo” (por “e o), “ea” (por ‘e a’), “oque” (por ‘o que’). No entanto, foi encontrado apenas um caso da categoria palavra fonológica + palavra fonológica: “parala” (por ‘para lá’), o clítico ‘para’, segundo Bisol (2000), forma um pé métrico e recebe acento, sendo assim, assume status de palavra fonológica, esclarece-se também que, nenhum caso envolvendo palavra fonológica + palavra gramatical foi observado. A quase ausência dessas duas categorias demonstra as diferenças dos problemas de segmentação indevida entre o Ensino Fundamental I e II.

Os resultados confirmam que os alunos/alunas demonstram dificuldades em segmentar palavras mesmo no Ensino Fundamental II. No caso predominante, “palavra gramatical +

palavra fonológica” tanto no trabalho de Cunha (2004) e neste trabalho, a falta de acento do clítico é o fator motivador das junções. Ressalta-se que a autora se utiliza do termo palavra gramatical para corresponder clítico em conformidade com a definição de Bisol (2000), que o explicita:

Na classe dos clíticos, há aqueles que formam pés, como para, por, mas, em. Muitos, porém, não atendem a essa restrição como os pronominais me, te, se, lhe, nos, sem falar em outras palavras funcionais a, e, o ou combinações da, do, no, na. O clítico, como vemos, não atende aos requisitos básicos da palavra fonológica, que são pé e/ou acento. Figura no léxico como categoria morfológica, identificada prosodicamente apenas como sílaba. (BISOL, 2000, p.19)

No que tange às hipersegmentações, os resultados indicam que os casos são em menor número, “em bora” (por ‘embora’), “com migo” (por ‘comigo’) e “na quele” (por ‘naquele’), nesses casos ainda que a palavra fonológica que resulta do processo de hipersegmentação não corresponda a nenhuma palavra que integra o léxico, mas que, em conformidade com Cunha (2004), são exemplos de pseudo-palavras. Todos os casos, há transformação de uma palavra fonológica em um grupo clítico formados por um clítico + palavra fonológica (pseudo-palavra).

Vale ressaltar que houve apenas um caso de hipersegmentação que integra o uso do hífen, “chegava-mos” (por ‘chegávamos’), essa formação gera um grupo clítico: formado por uma palavra fonológica + um clítico, possivelmente referenciado na forma “chegava-nos” que envolvem o uso de clíticos pronominais.

À face do exposto, após comparar as categorias estabelecidas de hipossegmentações e hipersegmentações conforme Cunha (2004), segue uma análise mais detalhada na proposta da hierarquia prosódica para a o Português Brasileiro (doravante PB) que admite o grupo clítico como domínio prosódico.

Tabela 10 Tipos de estruturas prosódicas para hipossegmentação e hipersegmentação neste trabalho com respectivo quantitativo de ocorrências

Tipo		cl + ω	cl + cl	ω + cl
Ocorrências	Hiposegmentação	21	6	
	Hipersegmentação	7		1

De acordo com Tenani (2008), saber a categoria gramatical dos elementos clíticos que estão envolvidos nos desvios da escrita referentes à segmentação não convencional de palavras é uma informação importante para mostrar os tipos de categorias gramaticais em que os alunos/as alunas demonstram certa dificuldade e também, serve como um comparativo entre as dificuldades encontradas no Ensino Fundamental I e II. Nesse sentido, segue algumas informações no que se refere à categoria gramatical do clítico envolvido no processo de hipossegmentação e hipersegmentação. Entende-se que será uma informação importante que poderá nortear o trabalho com as categorias gramaticais com maior ocorrência. Destarte, estratégias de intervenções poderão ser elaboradas a partir dos dados a seguir.

Ao analisar a tabela abaixo, nota-se que um dos problemas encontrados pelos alunos/alunas no que se refere à categoria gramatical, preposições, que são interpretadas com sílabas pretônicas, gerando assim as hipossegmentações, inclui-se também casos envolvendo pronomes como em “miacha” e “mearuma”. O número desses casos que envolvem preposições é bastante expressivo quando comparados aos pronomes, artigo e conjunção. ou

Tabela 11 Categoria gramatical dos clíticos nos casos de hipo e hipersegmentação

Categoria Gramatical	Hipossegmentação Estruturas prosódicas		Hipersegmentação Estruturas prosódicas		
	cl + ω	cl + cl	cl + ω	cl + cl	ω + cl
preposição e contrações de preposição	atarde, anoite, praser derepente, entudo denovo/dinovo, decastigo/dicastigo dosmeus, endeus, porisso		em bora, na quele, com migo,		
artigo + pronome		oque			
conjunção+ artigo		eo, ea			
pronome	miacha, mearuma, quedisce				chegava- mos

Outro aspecto observado refere-se ao hospedeiro, palavra fonológica (ω) que forma unidade prosódica nos casos de hipossegmentação, pertencem a categorias gramaticais diferentes, a saber (substantivo, adjetivo, verbo), nos exemplos do grupo clítico (C) constituído por (cl + ω). Fica em evidência que a dificuldade jaz no uso dos clíticos e não na palavra fonológica.

Um caso interessante é a hipossegmentação da palavra fonológica “para” (preposição) + a palavra fonológica “lá” (advérbio), única ocorrência de (ω + ω), tipo que não foi listado neste artigo. Percebe-se que o aluno/a aluna, se referenciou no uso enclítico pronominal, “pará-la”, que é um grupo clítico composto por (ω + cl). Resolveu-se não o considerar na listagem. No entanto, considerou-se “praser” pois, neste caso “pra”, uma contração de “para” que não possui acento lexical

Pertinente ao grupo clítico (cl+ cl), no qual o primeiro é uma conjunção e o segundo um artigo, nos casos “eo” e “ea”, a interpretação prosódica desses casos, podem sofrer alterações se considerar as possibilidades que são realizados oralmente em conformidade com Paranhos (2014), que sobre esse caso faz importante explicitações hipotéticas:

Como primeira hipótese, poderíamos supor que foram ocasionadas pelo fato de a conjunção “e” – apesar de não apresentar acento lexical – receber acento prosódico. Com isso, o artigo “o/a” que segue a conjunção formaria, na interpretação do escrevente, uma sílaba constituída de ditongo. Como segunda hipótese explicativa, que não necessariamente contraria a primeira, poderíamos supor que haveria uma hesitação do tipo que indicia a busca por itens lexicais após as junções “eo” “ea”. Desse modo, haveria, na fala, juntura entre “e” “o/a” seguida de hesitação, o que levaria à proeminência do artigo que segue a conjunção. Ou seja, na primeira hipótese, “e” seria a vogal proeminente do ditongo decrescente e, na segunda hipótese, “o/a” seriam as vogais proeminentes do ditongo crescente. (PARANHOS, 2014, p.98)

Referente à junção de dois clíticos, o caso “oque”, ocorreu a junção do “o” (artigo) + “que” (pronome) de acordo com Tenani (2011), foi ocasionada pela conjunção “que”, que isolada não apresenta acento lexical, no entanto, quando se une ao artigo definido “o”, pode adquirir acento prosódico e passa à categoria de hospedeiro do clítico. Fica explícito pelo resultado às dificuldades relacionadas dos/das alunos/alunas ao uso dos clíticos.

3.4 Dados envolvendo homófonos

Tabela 12– Casos envolvendo homófonos – Total de textos 84.

	Hipossegmentação	Hipersegmentação
Escola A	agente (15x), ensima (3x)	-
Escola B	agente (1x)	em bora (1x)
Escola C	agente (6x), ajente (2x)	de mais (2x), em baixo, em fim
Total de ocorrências	27	5

No que se refere a hipossegmentação de grupo clítico: $cl + \omega$ – “a gente”, Fiel (2018), em sua dissertação de mestrado faz estudo longitudinal no Ensino Fundamental II sobre a segmentação indevida de palavras. Apesar de excluir as grafias que resultam de homônimas da pesquisa, apresenta o quantitativo de 270 ocorrências, desta

237 (87%) são a junção da preposição “a” mais o substantivo “gente” gerando a grafia “agente”, a qual passa a ser homônima a “agente”, cujo significado amplo é “aquele que age”. Esse número mostra que os alunos do EF II têm dificuldades no uso de “a gente”, grafando “agente”, uma forma para representar a noção gramatical de primeira pessoa plural, como em “agente chegou”. (FIEL, 2018, p.51)

Cabe ressaltar que foram analisados pela autora 2.435 textos produzidos por 115 alunos do 6º ao 9ºano. A autora afirma constatar flutuação entre as duas grafias e evidencia que esse fato exige estudo específico de grafias que geram formas homônimas no EF II, o que já está sendo desenvolvido pelo grupo de estudo, no qual, a dissertação é afiliada.

Diante ao exposto, casos que envolvem os homófonos são particulares comparados aos demais dados, devido ao fato de um mesmo estrato fônico corresponder a duas escritas ortográficas porque são duas as palavras morfológicas na língua, em quase todos os casos com significados, função sintática e morfológica distintas. Destarte, é o critério morfossemântico que garante a escolha correta em consonância com Tenani (2014).

Nas hipersegmentações, acredita-se que somente a referência fonológica não garante a grafia correta, do par homófono “embaixo”/ “em baixo”. Embora, na cadeia sonora não haja distinção, devem ser utilizados em contextos específicos: o primeiro é uma expressão adverbial (Maria está lá embaixo, no porão.), denota que algo/alguém está numa posição inferior em comparação a outra. O segundo é uma locução adjetiva composta pela preposição “em” mais o adjetivo “baixo” (Maria falou em baixo tom, não entendi.), expressa ideia neste caso que a fala do sujeito é quase inaudível. Acredita-se que “embaixo” seja dominante³ na língua, em relação ao uso, no entanto, ao hipossegmentá-lo, gera o uso de seu subordinado⁴ “em baixo” formando um grupo clítico que afeta aspectos morfosintáticos e semânticos.

No caso de, “demais” / “de mais”, o primeiro é um advérbio e expressa ideia de exagero na oração a seguir (Gritei demais!), acrescenta-se que poderá ser usado como sinônimo de “além disso” e “os outros”. Em contrapartida, o segundo é uma locução adjetiva

³ Termo utilizado por (WHITE, et al., 2008), “*dominant*”, traduzido para “*dominante*”, faz referência ao homófono mais frequente utilizado em língua inglesa.

⁴ Palavra usada por (WHITE, et al., 2008), “*subordinate*”, traduzido para “*subordinado*”, faz referência ao homófono menos frequente utilizado em inglês que o “*dominante*”. Vale ressaltar que o trabalho dos autores envolve a escrita de homófonos (por exemplo “*beach*”/“*beech*”) em teste modelo de dupla rota: lexical e sublexical. Porém, não gera hipossegmentação ou hipersegmentação e sim desvios na escrita de formas ortográficas convencionais. Mesmo assim, considera-se os termos apropriados para este contexto.

que acompanha substantivos, formada por uma preposição e um advérbio, expressa noção de quantidade, corresponde à expressão “a mais” (Penso que coloquei sal de mais no feijão.)

No que tange ao par “enfim” / “em fim”, o primeiro trata-se de um advérbio de tempo que é também utilizado com sentido de que algo está concluído (Enfim sozinho!). O segundo, refere-se a uma locução adverbial de tempo, constituída pela preposição “em” mais o substantivo “fim”. (Maria está em fim de carreira).

Do mesmo modo ocorre nas hipossegmentações envolvem outros aspectos, além do fônico. No que concerne aos homófonos “em cima” “encima”, o primeiro é uma locução adverbial de lugar (O livro está em cima da mesa), o segundo é um verbo que indica: colocar a cima de, elevar, coroar, (Uma estrela encima a árvore natalina.). No caso a seguir o aluno/aluna ao escrever “ensima” (por “em cima”), a saber “um registro de uma palavra prosódica constituída de “em” e “cima”, uma sequência de sílaba átona e pé métrico troqueu” (Paranhos, 2014, p.107), demonstra certo domínio no que se refere ao uso do “m”, pois emprega a letra “n” em ambiente adequado em contrapartida, mostra dificuldade em representações múltiplas do fonema /s/. Levanta-se a hipótese que a falta de leitura contribui para a ocorrência, pois a expressão “em cima” é recorrente na Língua Portuguesa, outra hipótese, seria de que o aluno/a aluna tomou como referencial a palavra “embaixo”. Porém, ao utilizar uma forma subordinada gerada pela segmentação indevida da expressão “em cima”, desconhece o significado desta, devido ao fato de não ser praticamente utilizada.

Mediante ao exposto, constata-se que em todos os casos supracitados os dominantes são transformados em subordinados ocasionalmente pelos processos de hipossegmentação ou hipersegmentação. Vale ressaltar que há uma certa concorrência no par de homófonos “demais” e “de mais”. Porém, hipoteticamente, acredita-se que “demais” seja o dominante. Não se tenciona propor que os alunos/as alunas reconheçam os termos supostamente subordinados e sim, mostrar alterações morfológicas, sintáticas e semânticas que resultam das segmentações não convencionais de pares homófonos.

No que se refere a este assunto Tenani (2014), orienta e realiza estudos no IBILCE, câmpus da UNESP, em Rio Preto pertinente às hipossegmentações e hipersegmentações:

Em resumo, os estudos realizados mostram que os alunos não apenas não sabem ortografia das palavras, mas não se dão conta de que o que escrevem tem sentidos outros que não aqueles que parecem ser os pretendidos/esperados em seus textos. Os estudos confirmam, ainda, que os alunos ancoram sua escrita em características da fala, como esperado no início da alfabetização, e dão indícios de que, ao longo do Ensino Fundamental, os alunos aprendem, mas não dominam plenamente como é transitar pela fala e pela escrita conforme as convenções estabelecidas socialmente. (TENANI, 2014).

Antes de tratar do par de homófonos “a gente” e “agente”, algumas considerações se fazem necessárias, as ocorrências de hipossegmentação de “a gente”, assume um percentual de 24 ocorrências, elevado comparado a outros casos envolvendo homofonia. No entanto, 12 produções apresentaram hipossegmentação de “a gente”. O número elevado de ocorrência se deve ao fato de o gênero “Relato de experiências”, escolhido para a produção textual, é propício para o entrelaçamento da fala e escrita. É o que confirma Teixeira (2017):

O uso da palavra escrita não-convencional “agente” (quando previsto “a gente”) está associada ao tipo e gênero textual utilizado para a realização do texto escrito, sendo o gênero “Carta pessoal” e “Relato de experiência” os

lugares mais propensos ao aparecimento da homonímia, isso infere que tanto uma quanto a outra forma não são utilizadas de maneira aleatória, demonstrando que é possível prever em que ocasião elas provavelmente ocorreram nos textos dos alunos. (TEIXEIRA, 2017)

Cabe salientar que a autora mencionada, também trata sobre flutuações entre “a gente”/ “agente” e “nós”. Assunto não abordado neste artigo, no entanto, não se observou flutuações no mesmo texto das formas homófonas “a gente” e “agente”, somente no texto do/da aluno/aluna A8, dado não computado em hipossegmentação, alguns casos de mescla de “nós” e “a gente” também foram notados. Outro dado que foi excluído do cômputo de desvios na escrita, A1, merece ser mostrado devido ao fato de ser evidente o conflito que ocorreu na grafia, pode ser observado na imagem a seguir.



Fonte: Aluno/aluna A1 (2018)

Ao observar a escrita, fica claro o momento conflituoso que o aluno/a aluna vivencia, nota-se que tudo encaminhava para a ortografia convencional da forma pronominal “a gente”. No entanto, durante esse conflito o aluno/ aluna inseriu uma vogal na palavra fonológica que compõe o clítico.

Levanta-se algumas hipóteses, a confluência e divergência entre a linguagem coloquial e a institucionalizada no que se refere às mesclas pronominais. Porém, a forma é bastante usada, depende do gênero textual em questão, outro questionamento estaria relacionado ao contato com a locução pronominal “a gente” no âmbito escolar. Outra informação que convém mencionar é que a professora regente da turma confirmou que, nenhuma reflexão sobre a questão tinha sido feita ainda e disse que ficou surpresa com os dados. Nesse sentido, materiais pedagógicos precisam ser elaborados, por ser tratar de um problema recorrente.

Desse modo, percebe-se que no caso do par de homófonos “a gente”/ “agente”, o dominante é “a gente” mas, na escrita é transformado em subordinado. Sendo assim, o aluno/a aluna necessita de conhecimentos morfossintáticos e semânticos que poderão ser acionados quando necessário e estes são adquiridos por meio da escolarização e do envolvimento em práticas letradas orais e escritas, conseqüentemente, deixará de usar somente seu estrato fônico como referencial na escrita e perceberá que a fala e escrita estão interligadas, porém cada uma com suas especificidades.

3.5 Proposta de material didático

Problemas na escrita são comuns nas séries iniciais. No entanto, o que se observa é que esses problemas se prolongam para além dessas séries e se estendem ao longo do Ensino Fundamental II. À vista disso, 84 produções espontâneas escritas por alunos/ alunas do 7º ano do Ensino Fundamental de três escolas distintas foram analisadas. Buscou-se identificar as maiores ocorrências relacionadas a problemas na escrita, criando hipóteses para compreender suas causas e, por fim, refletir sobre o que poderia ser feito para que os alunos/as alunas minimizassem esses problemas.

Ao constatar as segmentações não convencionais de hipossegmentação e hipersegmentação como de notável ocorrência nas produções, muitas atividades podem ser pensadas na busca por solucionar esse problema. Diante disso, algumas sugestões de intervenção na forma de uma sequência sucinta de atividades, que chamem à atenção dos

alunos/alunas a refletir sobre aspectos linguísticos-discursivos e fonológicos que envolvem as irregularidades da escrita e possuem como intenção diminuir ou superar problemas decorrentes da união ou separação não convencional de palavras. Salienta-se que as atividades deverão ser monitoradas e mediadas pelo/pela professor/professora e após prévia discussão sobre o tema. A estrutura da sequência didática constitui-se em quatro atividades, cada uma forma um bloco de questões, explicitados a seguir:

Bloco I – Este bloco envolve leitura e interpretação, observações suprasegmentais, questionamentos, reconhecimento dos clíticos como palavras, reflexão sobre as relações morfossintática, semântica e estrutural da grafia desses termos. Além disso, proporciona um trânsito entre a modalidade oral e escrita. Valorização do repertório do aluno/da aluna, no que se refere ao seu contexto linguístico. Apropriação de recursos linguísticos-discursivos que contribuam para produção de textos formais e informais e construção conceitual. O tempo estipulado para o bloco é de 2 a 4 aulas de 50 minutos, dependendo do contexto.

Atividade: Agente x a gente

* Leia os textos I e II e responda às questões de 01 a 09.

Texto I: Confusão

A gente falou com o agente
 O agente falou com a gente
 A gente bateu um papo
 Nenhum “pagamento de sapo”
 Claro, do agente...
 Gente! É muito semelhante!
 Ao mesmo tempo, diferente!
 O agente e a gente!
 Ser agente secreto
 É ser bem esperto!
 James Bond, o agente 007. Certo?
 É amigo da gente!
 A gente pinta o sete!
 Descobre que a gente é diferente
 Do agente!
 O agente vive sozinho
 Longe do ninho!
 A gente vive em conjunto
 Em grupo, pelo caminho...
 Junto? Agente!
 Separado? A gente!
 Uma confusão!
 Papo reto, correto!
 Fique esperto Certo!

Patrícia Parreira

Texto II

Sabe a diferença?
AGENTE x A GENTE

A gente
 Quando utilizamos a locução pronominal **a gente**, queremos dizer nós, sendo uma locução semanticamente equivalente a esse pronome pessoal.



Agente
 Quando utilizamos o substantivo comum **agente**, queremos dizer uma pessoa que faz alguma coisa, ou seja, o **agente da ação**.



SenadoFederal

Disponível em:
<http://rtfonseca.blogspot.com/2016/10/a-gente-ha-gente-e-agente.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

01. Apesar de pertencer a gêneros diferentes, os textos tratam do mesmo assunto? Explique

- 02.** Analise o primeiro verso do texto I e responda: Quem fala? Com quem? E no segundo verso, a pessoa que fala é a mesma do primeiro verso? Explícite.
- 03.** No texto II, há informações suficientes para explicar todas as funções da expressão “a gente” no texto I? Se a resposta for negativa, cite um exemplo e explique essa função.
- 04.** Depois da leitura dos textos, explique o sentido dos termos destacados no poema.
- 05.** A expressão “a gente” é muito utilizada na fala e na escrita de alguns textos. Você tem dificuldade para diferenciar a grafia de “a gente” e “agente”? Por quê? Qual a diferença na grafia entre elas?
- 06.** Você percebeu que a forma “a gente”, está relacionada à primeira pessoa do plural e tem outras funções. Tente trocar todas as expressões que envolvam “a gente” por uma forma que corresponda à primeira pessoa do plural, sem afetar o sentido do poema. Quando terminar compare o texto original e a sua versão.
- 07.** No texto II, a explicação do termo “agente” refere-se somente à pessoa. Porém, pode ser sobre “algo” também, como no exemplo a seguir, “Eu estudei sobre agente e reagente na aula de Química.” Agora é sua vez, construa uma frase em que a palavra “agente” se refira à pessoa e outra à coisa.
- 08.** No texto II, há duas expressões “do agente” e “da gente” que envolvem a junção de uma preposição + artigo. Explique como ocorreu essa formação nas duas expressões.
- 09.** Complete o quadro abaixo com as palavras da caixa, na categoria indicada.

A - COM - O - UM - DE - AO - DA - EM - PELO - UMA - DO		
Artigos	Preposições	Contrações de Preposição
		#####
		#####

- 10.** Leia os textos a seguir e considerando o público-alvo de cada um, justifique o emprego da forma “a gente”, no texto I e o emprego do pronome “nós”, no texto II.



Disponível em: <http://jornaldobaixosul.com.br/?p=4966>. Acesso em: 17 jul.2018.

**Sr. Prefeito,
junte-se a nós na
luta contra a dengue.
A sua participação
é fundamental.**

A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas, felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site www.embatadengue.com.br há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para *divulgação* de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

Disponível em: < <https://www.escolasimetria.com.br/enem2009/questão/127>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Desafio: Você conhece uma outra expressão ou palavra com o mesmo som de “a gente” e “agente”? Qual?

Bloco II – O bloco contém questões que abarcam leitura de definições, trabalho de conhecimento semântico, ortografia, elaboração de frases, observação das representações múltiplas do fonema-letra, ampliação do campo lexical, leitura e compreensão de texto, observação de aspectos morfossintáticos, fonológicos e semânticos e também oportuniza a reflexão sobre a grafia, estrutura gráfica das palavras ou expressões e da utilização dessas formas específicas em textos jocosos e ambíguos. Utilizar-se-á para finalizar o bloco, 02 aulas de 50 minutos.

Atividade: Homofonia é pura sinfonia, mas fique de olho na grafia!

- Observe a imagem a seguir e responda às questões de 01 a 04.



Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/57KNy3nDdwA/UJbRlOnTGEI/AAAAAAAAAAmg/DwBYCl2bqKs/s640/imagem15.JPG>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

- O que diferencia a palavra “censo” e “senso” na escrita?
- O doutor não entendeu o que a suposta secretária quis dizer. Reescreva a fala da secretária, utilizando algum complemento que possa esclarecer mais o sentido da palavra.
- O que você entende por palavra homófona, a partir do texto?
- Você percebeu que além da diferença na escrita, os significados são diferentes. Escreva o significado de “censo” e “senso”.
- Escreva o sentido do termo sublinhado nos pares homófonos das frases a seguir.

a. Irei em um <u>concerto</u> na semana que vem.	Eu <u>conserto</u> roupas em geral.
b. Comprei uma <u>cesta</u> de flores.	Irei te visitar na próxima <u>sexta</u> .
c. A palavra ônibus tem <u>acento</u> ?	Tem <u>assento</u> vago no ônibus?
d. Eu <u>asso</u> pão todo dia.	Minha forma de pão é de <u> aço</u> .
e. Você deve <u>saudar</u> as pessoas.	Você vai <u>saldar</u> seus débitos?
f. <u>Houve</u> acidente na estrada.	Carol não <u>ouve</u> bem.
g. <u>Traz</u> sorvete de chocolate.	O anel caiu na parte de <u>trás</u> da gaveta.
h. Vá <u>cerrar</u> a porta, está frio.	Ele vai <u>serrar</u> a porta em duas partes.

- De acordo com a autora, Luciana Tenani, o humor da tirinha abaixo é provocado, entre outros aspectos, pela interpretação “equivocada”, por uma das personagens, do enunciado “assina” como sendo “a sina”, ou seja, uma sequência do artigo “a” e do substantivo “sina”, ao invés de “assina”, uma forma do verbo “assinar”. Sabemos que separar ou juntar palavra de maneira indevida quando escrevemos, pode mudar o seu significado. Agora, encontre e circule, nas frases a seguir, palavras e expressões que tenham o mesmo som e estruturas gráficas diferentes.



Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

- | | |
|----------------------------------------------|--------------------------------------|
| a. Acabo de limpar e você suja. | Eles usam TV a cabo |
| b. Enfrente a situação. | Sigam em frente. |
| c. Devagar chega mais depressa. | Ela deve parar de vagar pelos becos. |
| d. Ele é meu concorrente no comércio. | O cão está sempre com corrente. |
| e. A enfermeira fez uma compressa no meu pé. | Você saiu com pressa. |
| f. Aquilo é um morcego? | Arroz vende a quilo. |

Bloco III - O foco deste bloco é trabalhar com a expressão “de repente”, através de leitura, estrutura gráfica e constituintes da forma vocabular, reconhecer artigos, preposições e contrações. Observar que neste caso se tratam de estruturas gráficas e cadeia sonora iguais, as diferenças estão nas suprasegmentações embutidas nos termos. Abordou-se como comparativo a expressão “de novo” no que se refere à sua estruturação semelhante. Aulas destinadas para o bloco cerca de 02 aulas de 50 minutos.

Texto I	Texto II
<p>Qual a diferença entre Repente e Cordel?</p> <p>O cordel é poesia popular caracterizada por sua publicação em folhetos (forma tradicional da impressão) com capas geralmente feitas em xilogravura. Já <u>o repente</u> é a poesia improvisada feita pelos repentistas, <u>de repente</u>, pode ser acompanhada de instrumentos como a viola nordestina ou pandeiro.</p> <p>Disponível em: < https://sites.google.com/site/encontroentreculturas/home/criatividade-dos-repentistas. Acesso em: 11 jul. 2018. Adaptado.</p>	 <p>Disponível em: < http://derepenteecordel.blogspot.com/p/release_31.html>. Acesso em: 11 jul. 2018.</p>

Atividade: Qual a diferença?

- Os textos acima se relacionam em algum aspecto? Qual?
- A partir da leitura dos textos, explique a palavra e expressão a seguir.
 - repente
 - de repente
- Observe as expressões destacadas no texto I. Explique o que as fazem diferentes?
- Observe as frases a seguir, “Eu declamei aquela poesia popular de novo.” e “Estudei o novo tipo de poesia popular que a professora nos apresentou.”. As expressões destacadas se distinguem do mesmo modo que as destacadas no texto I. Explique.
 - Leia o trava-língua a seguir e responda às questões 05 e 06.

De repente, o cantor de repente fez um repente diferente, o repente do cantor de repente é diferente.

- As expressões são iguais, mas, se diferenciam em sentido no texto. Explique a diferença.
- Reescreva o trava-língua, substituindo a expressão “cantor de repente” por um sinônimo que corresponda a uma palavra. Lembre-se de que essa palavra rima com “artista”, confira no texto I.

Bloco IV – Bloco próximo do universo digital dos/das alunos/alunas, oportuniza situações que os alunos possam juntar e separar palavras e formar frases, utilizando conhecimentos pertinentes à língua, contar palavras, perceber que o léxico é composto por inúmeras palavras com extensão que varia referente ao tamanho gráfico. Considera-se que 01 aula de 50 minutos seja suficiente.

Atividade: #deolhonashashtags

- Leia o texto a seguir e em seguida, responda às questões.



O que é hashtag?

Hashtag é um composto de palavras-chave, ou de uma única palavra, que é precedido pelo símbolo cerquilha (#). *Tags* significam etiquetas e referem-se a palavras relevantes, que associadas ao símbolo # se tornam *hashtags* que são amplamente utilizadas nas redes sociais, em especial no *Twitter*, onde a adesão delas se tornou tão popular. (...)

Disponível em: < <https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-hashtag/> >. Acesso em 11 jul. 2018.

01. Faça uma *hashtag* com a seguinte frase: “Juntar e separar palavras.”
02. Observe o título da atividade, reescreva as palavras da *hashtag* em uma frase. Não se esqueça de prestar atenção na estrutura gráfica e colocar uma pontuação definida!
03. Quantas palavras há na frase que você escreveu na questão antecedente?
04. Transforme as *hashtags* em frases, fazendo as adaptações necessárias.



a.	_____
b.	_____
c.	_____
d.	_____
e.	_____

4. Considerações finais

Através das análises, discussões e reflexões construídas neste trabalho, observa-se que as segmentações não convencionais presentes nos textos dos/as alunos/as ressaltaram que a dificuldade de compreensão das diferenças entre a fala e a escrita é relevante no processo de análise da aquisição da escrita.

Ao optar por um estudo pautado na segmentação, busca-se apontar algumas ponderações envolvendo os processos de hipossegmentação e hipersegmentação, em uma tentativa de compreender os motivos que levam o aluno/ a aluna a segmentar de forma não convencional. Não se pode afirmar com convicção qual o fundamento que levou o aluno/ a aluna a optar por uma determinada forma de segmentação. Destarte, as considerações apresentadas nesse estudo são hipóteses que procuraram interpretar as causas que orientaram os alunos/ as alunas a segmentarem de maneira não convencional.

Neste trabalho se investiga a hipo e hipersegmentação, descreve-se e analisa-se dados na escrita, com o objetivo de identificar as possíveis motivações para a recorrência desses “desvios” e assim propor atividades que possam amenizar esses equívocos na escrita dos alunos/ das alunas. Por meio desse estudo constatou-se que o trabalho com atividades que priorizem o desenvolvimento de habilidades linguísticas, a compreensão do processo de segmentação das palavras, bem como a composição dos grupos clíticos na construção dos enunciados, e o uso adequado dos pares homófonos são pertinentes ao processo de aquisição da escrita.

Em suma, deseja-se que este trabalho seja desencadeador para outros pesquisadores e professores, que funcione como incentivo à pesquisa de estratégias didáticas que contribuam para o desenvolvimento do processo de aquisição da escrita do alunado.

Referências

- BISOL, L. **O clítico e o seu hospedeiro**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184. 2005.
- BISOL, L. **O clítico e seu status prosódico**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.5-20, 2000.
- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, A. P. N. da. **A Hipo e a Hipersegmentação nos dados de Aquisição da Escrita: Um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2004.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- FIEL, R. P. **Estudo Longitudinal de hipossegmentações em textos do Ensino Fundamental II**, 2018, 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2018.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.
- PARANHOS, F. C. **Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do ensino fundamental: um estudo longitudinal**. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2014.
- ROSA, M. C. **Introdução à Morfologia**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- TEIXEIRA, A. V. “A gente” ou “agente”: uso dos termos homônimos em textos de alunos do Ensino Fundamental II- Panorama geral. **Mosaico** (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017, p.569-594.
- TENANI, L. E. Como é que se escreve: tudo junto ou separado? In: Coluna Rio Preto Pensa, **Diário da Região**, 19/07/2014, p. 4C, São José do Rio Preto. Disponível em:< <http://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/EstudosLingLiterarios/coluna-tenani-06-2014.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018

TENANI, L. E. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do Ensino Fundamental. **Revista da ABRALIN**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 91-119, 2011.

TENANI, L. E. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e ortografia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, p. 231-245, 2008.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 233-244, 2004.

WHITE, K. K. et al. Why Did I Right That? Factors that Influence the Production of Homophone Substitution Errors. In: **Quarterly journal of experimental psychology** (2006) 61(7):977-85 · February 2008. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/5284627_Why_did_I_right_that_Factors_that_influence_the_production_of_homophone_substitution_errors>. Acesso em :13 jul. 2018.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: Questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZORZI, J.L. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Imagens e sites:

Disponível em: < <http://br.web.img2.acsta.net/pictures/17/08/23/18/39/249946.jpg>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Disponível em: <http://rtfonseca.blogspot.com/2016/10/a-gente-ha-gente-e-agente.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Disponível em: <http://jornaldobaixosul.com.br/?p=4966>. Acesso em: 17 jul.2018.

Disponível em: Disponível em: < <https://www.escolasimetria.com.br/enem2009/questao/127>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Disponível em:<<http://1.bp.blogspot.com/57KNy3nDdwA/UJbRIONTGEI/AAAAAAAAAAmg/DwBYCl2bqKs/s640/imagem15.JPG>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

Disponível em:< <https://sites.google.com/site/encontroentreculturas/home/criatividade-dos-repentistas>. Acesso em: 11 jul. 2018. Adaptado.

Disponível em:< http://derepentecordel.blogspot.com/p/release_31.html>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Disponível em:< <https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-hashtag/>>. Acesso em 11 jul. 2018.